

Halloween: das origens celtas ao símbolo da cultura popular moderna

escrito por Eduardo Henrique



Comemorado anualmente em **31 de outubro**, o **Halloween**, também conhecido como **Dia das Bruxas** no Brasil, é hoje uma das festas mais populares do mundo ocidental. Mas, por trás das fantasias e das abóboras iluminadas, há uma tradição milenar que remonta aos antigos povos **celtas**, que celebravam o **Samhain** – um festival que marcava o fim do verão e o início do **Ano Novo celta**, celebrado em **1º de novembro**.

As raízes celtas do Halloween

De acordo com a historiadora **Miranda J. Green**, especialista em religião e mitologia celta e professora da Universidade de Cardiff, o Samhain era uma das principais celebrações do calendário agrícola dos povos da antiga Irlanda, Escócia e País de Gales.

Em sua obra *The World of the Druids* (1997), Green explica que o festival simbolizava “a transição entre a luz e a escuridão, entre a vida e a morte”. Nesse período, os celtas acreditavam que **as barreiras entre o mundo dos vivos e dos mortos se enfraqueciam**, permitindo que espíritos – bons e maus – visitassem a Terra.



Pintura retratando o Sahmain, por George Cruikshank (1857).

Por isso, era comum **acender grandes** fogueiras para afastar os maus espíritos e usar **máscaras e fantasias** com o intuito de **confundi-los**. Os registros arqueológicos e literários também indicam que, durante o Samhain, havia **sacrifícios de animais e banquetes comunitários**, realizados em honra aos antepassados. O festival durava cerca de **três dias** e marcava o início do inverno, um período de escassez em que a proteção espiritual era considerada essencial.

Segundo o antropólogo **Ronald Hutton**, professor da Universidade de Bristol e autor de *The Stations of the Sun: A History of the Ritual Year in Britain* (1996), o Samhain era “um tempo liminar, de fronteira entre dois mundos – o natural e o sobrenatural –, onde o tempo cotidiano se dissolvia e os mortos retornavam”.

Do paganismo à cristianização

Com o avanço do cristianismo na Europa, a Igreja Católica adotou uma estratégia comum: **incorporar festividades pagãs** ao calendário litúrgico, adaptando-as aos valores cristãos. Conforme explica o historiador Philippe Walter, em *Christian Mythology* (2003), essa foi uma forma eficaz de “converter populações mantendo parte de seus rituais, mas transformando seus significados”.

O Samhain não escapou a esse processo. Durante o pontificado do **Papa Gregório III** (731–741), o **Dia de Todos os Santos** (All Saints’ Day), que antes era celebrado em maio, foi transferido para **1º de novembro** – a mesma data em que ocorria o antigo festival celta. O papa seguinte, **Gregório IV**, ampliou a celebração para toda a cristandade. Assim, a **véspera de 1º de novembro** passou a ser conhecida como **All Hallows’ Eve** (“véspera de Todos os Santos”), expressão que, com o tempo, deu origem à palavra Halloween.

Pesquisadores como **Nicholas Rogers**, autor de *Halloween: From Pagan Ritual to Party Night* (Oxford University Press, 2002), defendem que essa transição demonstra como o cristianismo “reapropriou-se de símbolos pagãos, transformando-os em expressões da fé cristã, mas preservando seus elementos de mistério e medo do além”.

Evolução e popularização moderna

Durante os séculos seguintes, o Halloween evoluiu ao se misturar com **tradições medievais** e **costumes populares europeus**. Quando imigrantes irlandeses chegaram aos **Estados Unidos** no século XIX, trouxeram consigo as lendas e costumes do Samhain. Lá, a celebração ganhou novos elementos, como a famosa **abóbora iluminada** (jack-o’-lantern), inspirada em uma antiga lenda irlandesa sobre um homem chamado **Jack**, que teria enganado o diabo.

A partir do século XX, o Halloween tornou-se uma data amplamente difundida pela **cultura norte-americana**, impulsionada pelo cinema, pela publicidade e pela indústria do entretenimento. Hoje, é celebrado em diversos países, inclusive no Brasil, onde é popularmente associado ao “**Dia das Bruxas**”.

Entre o sagrado e o lúdico

Embora o Halloween contemporâneo tenha perdido muito de seu caráter espiritual original, ele ainda preserva o **símbolo universal da transição entre mundos**, herdado dos antigos celtas. Como destaca a historiadora **Lesley Bannatyne**, autora de *Halloween: An American Holiday, an American History* (1998), “a festa continua a expressar, de forma lúdica, o fascínio humano pelo mistério da morte e pela ideia de que o invisível está mais próximo do que imaginamos”.

Assim, mais do que uma simples celebração com doces e fantasias, o Halloween representa a continuidade de **rituais milenares**, transformados e ressignificados ao longo dos séculos – uma herança viva das antigas crenças que buscavam compreender e celebrar o ciclo da vida, da morte e da renovação.